Discursos do presidente Lula na reunião do G7 em Evian, França, junho de 2026

Discursos del presidente Lula en la reunión del G7 en Évian, Francia, en junio de 2026

President Lula's Speeches at the G7 Meeting in Évian, France, in June 2026

Discurso do presidente Lula na reunião ampliada do G7 sobre o tema: "Firmar novas parcerias e reconstruir a solidariedade internacional."

Discurso lido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva na reunião ampliada do G7 sobre o tema "Firmar novas parcerias e reconstruir a solidariedade internacional", em Évian (França), em 16 de junho de 2026.

Publicado em 16/06/2026. Acesso: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2026/06/discurso-do-presidente-lula-na-reuniao-ampliada-do-g7-sobre-o-tema-201cfirmar-novas-parcerias-e-reconstruir-a-solidariedade-internacional201d

Agradeço ao presidente Macron pelo convite para participar deste segmento ampliado em Évian.

Ainda em 2003, uma das minhas primeiras tarefas como presidente do Brasil foi participar da Cúpula do então-G8 nesta bela cidade.

Desde aquele ano estive em outras nove cúpulas do G8 ou G7.

Em todas elas nos defrontamos com crises e desafios que afetam milhões de pessoas ao redor do mundo.

Mas em nenhuma conseguimos construir respostas coletivas e duradouras.

Ficamos aprisionados em dogmas que defendem desregulamentação de mercados, Estado mínimo e austeridade fiscal como fins em si mesmos.

O neoliberalismo agravou a desigualdade econômica e a crise política que hoje assolam as democracias.

Agora, o protecionismo e o unilateralismo ressurgem como respostas falaciosas para a complexidade dos nossos problemas.

A distância que separa a prosperidade de Évian da realidade enfrentada por bilhões de pessoas no Sul Global não está diminuindo.

Nos últimos anos, a desigualdade entre países ricos e pobres tem aumentado.

O primeiro trilionário do mundo é mais rico do que os 46% mais pobres da população mundial.

A extrema concentração de riqueza decorre de décadas de políticas pró-bilionários.

Caminhamos na contramão da Agenda 2030.

Faltam 4 trilhões de dólares por ano para cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

A COP-30 voltou a evidenciar a distância entre os compromissos assumidos pelos países desenvolvidos e os recursos efetivamente mobilizados para cumpri-los.

Para acelerar a implementação do Acordo de Paris, é preciso ampliar o financiamento climático para, pelo menos, um trilhão e trezentos bilhões de dólares.

Os desafios se multiplicam, mas a solidariedade internacional encolhe.

No ano passado, registramos queda histórica de 23% na Ajuda Oficial ao Desenvolvimento.

O Programa Mundial de Alimentos perdeu cerca de 40% de seu financiamento.

A Organização Mundial da Saúde e o UNICEF reduziram seus orçamentos em mais de 20%.

Não são cifras abstratas.

Elas impactam diretamente o cotidiano dos habitantes de países em desenvolvimento.

São milhões de pessoas sem acesso à alimentação adequada; crianças sem frequentar a escola; mulheres privadas de proteção; e comunidades vulneráveis diante de doenças que podem ser prevenidas.

Guerras e conflitos também continuam desviando o foco da agenda do desenvolvimento.

Os gastos militares anuais somam quase 3 trilhões de dólares.

Nossa tarefa é corrigir as desigualdades de um sistema que produz riqueza em abundância, mas que distribui oportunidades de forma profundamente assimétrica.

O mundo em desenvolvimento transfere 1,4 trilhão de dólares por ano em serviço da dívida, valor sete vezes superior à ajuda recebida dos países ricos.

A Conferência de Sevilha sobre Financiamento para o Desenvolvimento apontou para a direção correta.

Embora a contribuição do setor privado seja bem-vinda, a Ajuda Oficial ao Desenvolvimento segue sendo responsabilidade primordial dos estados.

Precisamos de um sistema financeiro no qual os países não sejam obrigados a escolher entre pagar credores e alimentar suas crianças.

Está claro que o desafio não é administrar a escassez.

O déficit que enfrentamos é de implementação e de vontade política.

Não faltam boas ideias.

Mecanismos inovadores como a troca de dívida por ação climática ou investimentos sociais podem contribuir para ampliar o espaço fiscal dos países mais vulneráveis.

O Brasil tem dado a sua contribuição.

O Fundo Florestas Tropicais para Sempre vai canalizar investimentos para a conservação desse bioma e de seus habitantes.

A Aliança Global contra a Fome possibilita compartilhar experiências e auxiliar a implementação de políticas públicas eficazes na redução das desigualdades.

O estabelecimento do Painel Internacional sobre Desigualdade, proposto pela presidência sul-africana do G20, apoiará com dados e evidências a formulação de respostas coordenadas a esse desafio.

Outros temas, como o combate aos crimes transnacionais, também devem fazer parte da agenda de desenvolvimento.

Um deles, é o desafio do crime organizado, que aterroriza comunidades e desvia recursos públicos que deveriam ser direcionados para a construção de escolas, hospitais e estradas.

Esse esforço deve levar em conta do respeito à soberania dos Estados.

A Declaração de Líderes do G7 sobre o Combate ao Tráfico de Drogas é um passo positivo.

Mas o enfrentamento ao narcotráfico não pode ser dissociado de outros ilícitos como a lavagem de dinheiro e o tráfico de armas.

Valorizar o diálogo e a cooperação institucional, inclusive por meio da INTERPOL, contribuirá para a localização de ativos e indivíduos vinculados a essas atividades criminosas.

Outro desafio que não pode permanecer excluído do debate sobre parcerias para o desenvolvimento é o acesso a tecnologias de ponta, como a Inteligência Artificial.

As transições energética e digital não podem reproduzir padrões históricos que concentram benefícios econômicos em poucos atores.

Os países detentores de minerais críticos devem participar das etapas de maior valor agregado da cadeia, por meio da industrialização, da transferência de tecnologia e da formação de capacidades, conforme suas necessidades nacionais.

Muito obrigado.

Pronunciamento do presidente Lula na segunda sessão do G7 sobre o tema: "Crescimento econômico e desequilíbrios globais."

Pronunciamento do presidente Lula na segunda sessão do G7 sobre o tema "Crescimento econômico e desequilíbrios globais", em Évian (França), em 17 de junho de 2026.

Publicado em 17/06/2026. Acesso: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2026/06/pronunciamento-do-presidente-lula-na-segunda-sessao-do-g7-sobre-o-tema-201ccrescimento-economico-e-desequilibrios-globais201d

Tenho dificuldade em fazer esse debate porque nós estamos entre dois mundos. Estamos num mundo em que os países altamente desenvolvidos têm uma preocupação com a competitividade e o crescimento da China. E no outro lado, outra parte do mundo está aguardando quem quer que seja que se apresente como parceiros comerciais e de investimento.

É preciso fazer as pessoas que não estão no mercado entrarem no mercado.

Na América Latina, temos milhões de pessoas que gostariam de entrar no mercado, mas não estão. Na África, há milhões de pessoas que querem entrar no mercado, mas não conseguem. Imagina que beleza um país como a Índia, de um bilhão e quatrocentos milhões de

consumidores. Quando uma parte desse mercado, digamos oitocentos milhões de pessoas, atingir um padrão médio de consumo, o efeito sobre a economia global será muito positivo.

Isso vai beneficiar a economia dos Estados Unidos, da Europa e de tantos outros países. É preciso olhar para o mundo.

A China se transformou em uma potência econômica e comercial por conta da ganância do capitalismo dos anos 80, que queria aumentar sua produção e queria mão de obra mais barata. E quantas empresas foram para a China? Quantas empresas da Europa? Quantas empresas dos Estados Unidos? Você não comprava nada que não fosse feito na China, ou feito no Vietnã. E esses países cresceram por seus méritos.

Acho que o Presidente Trump deveria aproveitar a condição de anfitrião do G20 este ano para fazer essa discussão, com a China ao redor da mesa. Precisamos discutir o que é preciso fazer para que a gente torne a economia global mais equilibrada e que todos possam participar de um mercado virtuoso que nós queremos criar.

Não adianta ficar aqui em volta dessa mesa reclamando da China. A Alemanha está pensando na China, a partir dos seu ponto de vista apenas. Os Estados Unidos e a França também.

Nós temos que sair dessa perspectiva individual e pensar os desequilíbrios globais como um todo. Quando é que nós vamos fazer 900 milhões de habitantes na África virarem consumidores? É quando eles receberem investimento necessário e interesse das indústrias dos países desenvolvidos. Se não, não vai acontecer. Não basta dizer que a África tem muitos jovens, porque esses jovens vão crescer pobres, vão virar adultos pobres e vão ficar à margem da sociedade, de mercado, da vida e consumo que existe no planeta hoje.

E o FMI, o Banco Mundial e a OCDE não têm a solução para esses problemas. O problema é político. A solução tem que estar nas nossas decisões.

Nesse ponto, meus amigos líderes da Europa e o Presidente Trump vão me desculpar, mas quando vocês não se apresentam como parceiros, deixam o espaço aberto para outros atores. E os chineses entram nesse espaço deixado pela omissão de vocês.

O comércio bilateral do Brasil com a Alemanha hoje é de 20 bilhões de dólares. Está assim há muito tempo. Nós temos 8 ou 9 bilhões com a Inglaterra, 10 bilhões de dólares com a França. Com a Itália também gira em torno dessa cifra.

Os Estados Unidos, por exemplo, já representaram 22% da balança comercial do Brasil. Depois da tarifação, os Estados Unidos só representam 9% das nossas exportações. Em contrapartida, nós temos um comércio que cresce com a América do Sul e avançou muito mais ainda com a China.

Quem é que se apresenta para fazer estrada no Brasil hoje, quando a gente faz licitação internacional? Não tem uma empresa francesa, não tem uma empresa alemã, não tem uma empresa espanhola. Quem se apresenta? Os chineses. Eu disse ao presidente Trump, na reunião que fizemos em Washington, que há muitos anos que uma empresa americana não se apresenta para participar de uma licitação no Brasil.

Então, o que nós estamos precisando é mudar de comportamento, é olhar além das nossas fronteiras, e saber que somente o desenvolvimento vai poder gerar aquilo que a gente deseja. Eu vou dar um número aqui. No ano passado, os gastos militares globais chegaram a 3 trilhões de dólares.

Ontem me assustou o depoimento do primeiro-ministro da Alemanha, meu amigo Merz, quando ele disse que seu país gastou 15 bilhões de euros com a guerra na Ucrânia. Esse dinheiro poderia estar sendo investido para desenvolver parceiros da Alemanha.

Então, precisamos mudar de atitude e reconhecer que só conseguiremos tirar a África da situação em que ela se encontra com base em mais investimento em educação, em formação profissional e qualificar a mão-de-obra. É isso que vai gerar o desenvolvimento. O que a China fez foi isso. Quantos milhões de engenheiros a China formou nos Estados Unidos?

Vamos aproveitar o século XXI e fazer coisas diferentes do que fizemos no século XX. É extremamente positivo ter a China e a Índia crescendo. São 2,8 bilhões de pessoas consumindo. Somando Brasil e Indonésia, seriam mais de 3 bilhões de pessoas. Eu quero que todos consumam. E quem tem que dar esse pontapé inicial são os países desenvolvidos.

Que tipo de investimento a gente tem que fazer? Ontem eu disse em nossa discussão que para uma empresa francesa ir para a África, ela vai precisar de encontrar lá mão de obra qualificada e mercado para seus produtos. Vai precisar de infraestrutura energética, marítima, ferroviária, para exportar os seus produtos.

Se não, ninguém vai para a África. Nós temos que mudar o discurso e mudar a nossa prática.

O Brasil, entre 1950 e 1980, cresceu em média 7% ao ano. E a pobreza não diminuiu. Nos anos 70, no auge do regime militar, o Brasil chegou a crescer 14% ao ano.

E no final da ditadura militar, o povo estava mais pobre. No meu governo, esse ano, nós estamos crescendo 3 anos consecutivos acima de 3%. Esse é um dos maiores crescimentos do mundo.

E com o crescimento de 3% ao ano, nós temos o menor desemprego da história do Brasil, a menor inflação acumulada em 4 anos da história do Brasil, a maior população economicamente ativa da história do Brasil e o maior crescimento da massa salarial da história do Brasil. E, pela segunda vez, tiramos o Brasil do Mapa da Fome.

Por que isso aconteceu? Porque nós conseguimos distribuir o pouco que a gente tem. Se as pessoas mais pobres não forem colocadas no orçamento dos Estados, não tem como acabar com a miséria.

É preciso, na hora que os Estados estão fazendo o orçamento, lembrar que dos mais pobres. Eles não são invisíveis. Eles existem. Eles trabalham. Eles querem sobreviver. Agora, se eles não tiverem condições e o Estado não promover, não vai acontecer nada.

Eu entendo as preocupações individuais que cada um de vocês possam ter, mas se a gente pensar no desenvolvimento global, a gente muda de comportamento. Eu não quero que ninguém fique pobre. Eu quero que os Estados Unidos continuem ricos, eu quero que a França continue rica, eu quero que o Canadá continue rico, mas os países do Sul Global precisam de oportunidades.

E eu vou querer ajuda de quem quiser me ajudar. O país que quiser trabalhar conosco, de acordo com as nossas necessidades, pode ficar certo que nós vamos fazer negócio.

Mas poucos países podem fazer isso. No governo passado, no Brasil, foram fechadas 4 refinarias e 3 fábricas de fertilizantes. Essas fábricas equivaliam a 40% da produção de ureia. Era mais barato importar, mas com a guerra na Ucrânia isso mudou. Agora estamos tentando reconstruir nossa capacidade produtiva.

Precisamos aprimorar nossas discussões para que a gente possa encontrar uma solução definitiva. Caso contrário, todo mundo briga e ninguém tem razão.

Todos reconhecemos que o mundo está em crise. A ONU está em crise. Temos aqui nesta sala três membros permanentes do Conselho de Segurança. Junto com China e Rússia, esses países, esses são os responsáveis por cuidar da paz no mundo. Há vários conflitos na África, no Irã e no Líbano. Temos que reunir o Conselho de Segurança e tomar uma decisão.

Vamos investir na paz. Chega de fazer guerra.

A geopolítica de hoje não é de 1945. É isso que nós temos que pensar.

Obrigado.